

# Literatura e espaço urbano: registros poéticos de Helena Kolody

Rafael Zeferino de Souza<sup>13</sup>  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

## Resumo

Reiteradamente os escritores deixam em suas obras poéticas evidências de um espaço, muitas vezes, relacionado com as lembranças dos lugares por onde passaram e viveram em determinado momento de sua vida. E, com isso, não foi diferente com a escritora Helena Kolody, poeta paranaense, que viveu a maior parte da sua infância na cidade de Três Barras, Santa Catarina. Portanto, o objeto de estudo são os poemas da escritora, que compõe a obra *Sinfonia da Vida* (1997) que retratam sobre a cidade da infância e as análises se voltam aos significados dos espaços presentes em seus poemas. Para tanto, parte da base teórica se vale dos estudos sobre o espaço: Corrêa (2007), Santos (1985) e Ravetti (2009). Também é importante para a pesquisa referências que tratam sobre a obra da autora estudada: Cruz (2010), entre outros que se preocuparam com as abordagens sobre a compreensão e a análises de poemas.

## Palavras-chave

Literatura. Espaço. Helena Kolody.

---

<sup>13</sup> Doutorando em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Estudar o espaço contribui para compreendermos como o autor estabelece relações entre suas experiências com um determinado lugar e os sentimentos que emergem a partir dessa vivência. Portanto, esse artigo tem como objetivo analisar os poemas, da escritora paranaense, Helena Kolody, sob a perspectiva dos estudos teóricos sobre o espaço, compreendendo a relação entre Literatura e Geografia. Para esse artigo, foram selecionados três poemas de Helena Kolody, para serem analisados, principalmente, os que a escritora retrata a sua infância e a cidade de Três Barras, no estado de Santa Catarina.

Em 1970, a Geografia Humana colocou o sujeito como centro do seu trabalho, que tem como objetivo em integrar ao estudo e à descrição da interação entre a sociedade e o espaço. Com isso, vários geógrafos começaram a utilizar a literatura “como fonte capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagens” (CORRÊA, 2007, p. 20). Para o mesmo autor, em fontes literárias, encontramos informações sobre lugares ou épocas passadas.

Estes estudos contribuem especialmente, porque muitos escritores deixam em suas obras poéticas evidências de um espaço, de um lugar. O lugar é o espaço frequentado e vivenciado pelas pessoas em suas atividades corriqueiras, como trabalho, lazer, estudo, convivência familiar. No século XXI, valorizam-se os espaços externos como a estrada, as estações de metrô e de ônibus, os aeroportos e as ruas das cidades, praças e entre outros. Os espaços antropológicos ainda estão presentes, mas não se restringe somente a esse espaço, com isso, as obras poéticas favorecem para a discussão sobre o caráter simbólico de suas representações, que segundo Corrêa,

Todos os lugares têm traços individuais, físicos e culturais que os distinguem de outros lugares. As características físicas dizem respeito a seus aspectos naturais, como clima e solo, presença ou ausência de água e recursos minerais, e aspectos do terreno (CORRÊA, 2007, p. 125).

O escritor ao ter certo vínculo com os lugares, poderá representá-los de forma poética, que segundo o poeta T. S. Elliot “a poesia é uma constante lembrança de todas as coisas que só podem ser ditas” (1972, p. 39), sendo assim, a poesia no seu discurso mais profundo, ao expressar os sentimentos e as lembranças do eu lírico, que por traz tem uma voz autoral, a do autor, traz juntamente os lugares por onde passou e viveu.

Para entendermos e que possamos analisar o espaço, precisamos considerar um conjunto de categorias, segundo Milton Santos (1985), o espaço deve ser analisado a partir das categorias: Estrutura, Processo, Função e Forma.

Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles (SANTOS, 1985, p. 56).

O autor descreve as quatro categorias, a Estrutura é a própria sociedade e suas características sociais, políticas, econômicas e culturais. O Processo, no que lhe diz respeito, a um conjunto de mecanismos e ações, que se estrutura e movimenta, o que altera as suas características. A Função, por sua vez, são as atividades da sociedade, que permitem a existência e a reprodução social. Já a Forma, são as criações humanas, sejam materiais ou não. Obviamente não podemos separar o conjunto dessas categorias analíticas, pois uma está interligada à outra, “seu relacionamento é não apenas funcional, mas também estrutural” (SANTOS, 1985, p. 77).

A sociedade não pode ser dissociada do espaço, a partir do momento em que a sociedade muda, o espaço mudará juntamente com ela. Em relação a este vínculo, Santos (1985) observa que as mudanças geográficas (tanto como as novas e as velhas) sofridas pela sociedade ganham novas formas de ocupação, para atender novas necessidades. Ainda para o autor, o espaço é resultado de uma produção da sociedade e esse espaço pode sofrer inovações constantemente e se integrar ao sistema, assim, as mudanças apresentam-se como oposições aos espaços anteriores, exemplo disso, é a paisagem, que é formada pelas influências dos fatos do passado e modificada pelos fatos do presente.

A Forma é entendida como o aspecto visual de uma coisa, para Santos (1985) a Forma é o arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Assim temos uma descrição de algo em um determinado momento, que a partir de outro momento se torna diferente. Referente à Função, Santos (1985) explica que é uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. Ela está relacionada com a sua forma, ou seja, a função é uma atividade elementar de que a forma se reveste. Em relação ao Processo, o autor explana ser uma ação em atividade que obtém um resultado qualquer, que implica em conceitos relacionados ao tempo e mudança.

Entretanto, não há possibilidades de analisar um espaço, região, área, sem esses quatro elementos abordados por Santos. Para ele, esses elementos levam em conta características verdadeiras, inseparáveis e interatuantes do desenvolvimento espacial. Estudar o espaço é algo que nos ajuda a compreender como o autor estabelece relações entre suas experiências vinculadas a um determinado lugar e os sentimentos que emergem a partir dessa vivência, contribuindo para a percepção da singularidade expressa em cada uma das obras.

Temos como corpus para esse estudo, os poemas de Helena Kolody, principalmente os que retratam a sua infância, na cidade de Três Barras, do estado de Santa Catarina. Seguindo os estudos de Frémont (1990) *apud* Corrêa,

Geografia regional também dependia, em parte, da arte, convidava os geógrafos a refletirem sobre as obras literárias para eliminar a divisão dos saberes sobre o espaço. A literatura, assim, está “associada” desde o início aos trabalhos sobre o espaço vivido (CORRÊA, 2007, p.24).

Nos poemas de Helena Kolody são revelados importantes traços da realidade vivida e observada pela escritora. Seus poemas trazem o espaço como um lugar de significados complexos, um registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos, e junto deles, temos uma nostalgia por meio da linguagem simples utilizada, o que ganha destaque em seus poemas. Alguns lugares recorrentes em seus poemas relacionados a sua infância são: O riacho, serraria, campo, mata, a cidade de Curitiba - PR e Três Barras – SC.

Corrêa nos diz:

Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e subjetividade humana (CORRÊA, 2007, p. 31).

Ou seja, a poeta Helena Kolody retratou a cidade de Três Barras em alguns dos seus poemas, pois foi a cidade que onde morou em sua infância, e o lugares por onde ela passou, ficou marcado em sua memória e, mais tarde, transformados em poesia. Os espaços percorridos pela autora, na sua trajetória, possibilitaram a construção de sua identidade e que em seu momento de escritora, traz referências dos espaços percorridos, por ser um marco importante na sua vida. Devido a isso, o estudo de Revetti, contribui para compreendermos isso em questão: “A casa natal, fisicamente inscrita em nós, é o

nosso grande berço, é o espaço ao qual retornamos quando sonhamos ou tentamos redefinir nosso eixo interior” (RAVETTI, 2009, p. 54).

A cidade de Três Barras não é a cidade natal de Helena Kolody, mas é o lugar da infância, lugar onde ela brincava, era feliz. Para Corrêa (2007), nós devemos saber se o autor realmente viveu nos lugares que descreve nos seus poemas, e se realmente, pertenceu ao ambiente que apresenta. Helena Kolody, em seu livro *Sinfonia da Vida*, há o seguinte depoimento: “Lembro-me bem de Três Barras e Rio Negro. Em Três Barras, eu vivi dos três aos sete anos. Lá, o mundo era meu, havia até um eco que me respondia duas vezes” (KOLODY, 1997, p.24). Dessa forma, os poemas reafirmam a importância desse espaço em sua existência.

A escritora Helena Kolody é filha de Miguel e Vitória Kolody, ucranianos que se conheceram e se casaram no Paraná. Ela nasceu em Cruz Machado, Paraná, no dia 12 de outubro de 1912, viveu a maior parte de sua infância, em Três Barras – SC e também em Rio Negro – PR, onde realizou os seus primeiros estudos. Na adolescência, estudou piano, pintura e começou a escrever os seus primeiros versos. Sua carreira foi voltada ao magistério, lecionou biologia educacional e história da educação.

Em 1928, Kolody publica o seu primeiro poema: “A Lágrima” na revista “O garoto”, editada por um grupo de estudantes. E a partir daí, ela começa a sua dedicação aos poemas. Cruz (2010, p. 38) diz que Kolody declarou que “o magistério e a poesia são as duas asas do seu viver”.

Helena Kolody publicou doze livros de poesia e oito antologias e obras completas, e muitos poemas publicados em jornais e revistas. Poemas longos, como também, poemas curtos, e nesses poemas estão presentes a sua sensibilidade ao perceber/representar os espaços. Para ela, “a poesia é intrinsecamente ligada à beleza. No universo, tudo é poesia de Deus: é a sombra de Deus no mundo. O poema é como um jogo de palavras que gera prazer” (CRUZ, 2010, p.67).

Para a literatura, o espaço é um importante elemento, pois ao analisar as referências à espacialidade podem-se manifestar, além do conjunto arquitetônico de casas, prédios, ruas, praças, mas também, a paisagem natural, composta por rios, montanhas, vales entre outros. Além das emoções relacionadas aos lugares frequentados e/ou imaginados, conforme Haesbaert admite que,

Cada indivíduo preenche o seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos e utilitários, mas também de emoção e sensibilidade, pois

amamos, sofremos e podemos, pelo menos na imaginação expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo (HAESBAERT, 1997, p.30).

Nas obras de Helena Kolody, chama-nos a atenção à forma com que a autora se refere ao espaço. Ao observar as pistas deixadas em seus poemas, com relação a esse aspecto, ao analisar e interpretar a representação do espaço geográfico e os sentidos que tem em seus poemas faz-nos ver o “quanto o ambiente familiar contribuiu para despertar o seu amor à poesia”, o que pondera Cruz (2010, p. 131). Ainda para o autor,

Desde que publicou sua primeira obra, *Paisagem no Interior*, Helena Kolody vem recebendo destaque por sua produção poética junto à crítica paranaense e à brasileira. Ocupa assim, um lugar de destaque na literatura do Paraná, por sua poesia expressar extrema sensibilidade, engenho poético e lirismo contido e “inquietante” (CRUZ, 2010, p. 53, grifos do autor).

As representações urbanas encontradas em textos literários, neste caso, em poemas de Helena Kolody, é ter uma visão ampliada dos aspectos físico-geográficos ali retratados, pois seus poemas também revelam aspectos culturais, históricos que se interrelacionam à memória, aos tipos humanos, aos símbolos e as outras linguagens que se cruzam na composição do cenário.

A poesia de Helena flui naturalmente como voz sonora, num constante bem-dizer do amor e seus instantes. Pode-se dizer que a inquietação é um dos eixos centrais de sua poesia, que através de eu lírico abre caminhos para a revelação da própria condição humana, revestida de compreensão, luz e simpatia. Suas imagens conseguem ser, ao mesmo tempo, simples e profundas, dizendo tudo com simples alusões. Seus versos distinguem-se por essa capacidade peculiar de sugeridos fenômenos imperceptíveis, como as lembranças, os sonhos, nostalgias e imaginação (CRUZ, 2010, p. 130).

Desta forma, conforme o autor afirma, percebemos que devido à linguagem simples utilizada pela escritora, com o forte teor metafórico, retratando coisas simples vividas por ela, lá no passado distante (o sonhos, as lembranças, os motivos, os lugares) são fontes de inspiração para seus versos, pois transmitem um pouco de sua experiência, fundamental para sua visão de mundo.

Dos poemas de Kolody, escolhemos três que abordam a temática da infância, pois neles o sujeito lírico deixa marcas de como eram os lugares passados pela poeta, partindo de uma linguagem simples, metafórica e de grandes significados, ao retratar a nostalgia e o retorno às origens. Com isso, percebemos que a poesia foi desde cedo uma

presença marcante na vida da autora e muitos dos poemas de Helena refletem o encantamento com a beleza das paisagens.

No poema *INFÂNCIA*, logo no primeiro verso a autora já menciona a Cidade de Três Barras, relatando como são os entardeceres e também, como ela gastava o seu tempo apreciando o “sol”, as “formigas”, os “pessegueiros”, assim ficando bem claro o seu amor pelos elementos da natureza, que estão presentes na cidade, que tanto aparece em grande parte de seus poemas.

Ao relatar sobre a cidade, o eu lírico, vivido nessa fase que se encontra no passado, lembra com certa saudade e melancolia daquele tempo bom. Conforme a historicidade da cidade e dos relatos do eu lírico, a cidade não é desenvolvida, ainda cercada por vegetação nativa e cercada pelo rio Canoinhas.

Na terceira estrofe, aparece uma planta, “chuva-de-ouro”, uma árvore ornamental. Ao trazer para os versos a planta, faz as flores amarelas tornarem a paisagem bela, pois, como afirma o eu lírico: “Era um tesouro./ Quando floria./ De áureas abelhas/ Toda Zumbia./ Alfombra flava/ O chão cobria...” Também, temos a presença da figura de linguagem, a sinestesia que provoca o efeito da “chuva-de-ouro” mais forte, assim a infância aparece com mais destaque no poema, pois o eu lírico retoma esse período ao relembrar do aroma, do gosto, da cor e pelos sons daquele tempo.

A saudade do tempo de criança, das coisas que tinham no espaço, é muita, então o sujeito lírico revela o “cão travesso, de nome eslavo”, ou seja, tem saudade do lar, da vida que vivia, dos animais, principalmente do seu cachorro. Para CRUZ (2010, p. 128), a linguagem do poema reveste-se de um lirismo despojado. Os versos livres, as palavras simples e ternas, tornam-se quase prosa evocativa. As rimas presentes nesse poema podem se classificar em rimas pobres e ricas, as rimas pobres são palavras da mesma classe gramatical, rimas ricas pertencem à classe gramatical diferente, como exemplo de Barras/cigarras, para o primeiro caso, e perdidas/formigas, para o segundo.

Segundo a definição de O’Connell *apud* CRUZ (2010, p. 166), a infância é um estado celestial de inocência antes de qualquer conhecimento sobre o bem e o mal, entretanto, o eu lírico relembra de um passado bom, com ternura, com amizades, um tempo que ficou marcado e que é rememorado pela imaginação poética.

O ser humano promove transformações no espaço geográfico, seja por habitá-lo, explorá-lo, ou até mesmo usá-lo para satisfazer suas necessidades mais urgentes. Nesse

poema, o eu lírico descreve o que acontecia naquele lugar, na sexta estrofe, temos o eu lírico demonstrando o sentimento de felicidade “quanta alegria!”, ou seja, o que sentia ao contato com as coisas que aconteciam e que eram suficientes para que todos fossem felizes. A vida simples na cidade, que a autora tinha, é evidente; é uma infância marcada pelas brincadeiras, encontros da família na hora da refeição e pela paisagem que marca o espaço, como o rio e paisagem vegetativa.

Em *INFÂNCIA*, as tardes de domingo são marcadas pelo “saía-se a flunar”, ou seja, o eu lírico é marcado pelo deslocamento, não permanece fixo em um só lugar, até porque o sujeito de forma geral é deslocado, quanto social, quanto geográfico e subjetivamente, em espaços físicos, deixando ali alguma marca pessoal. Mas na segunda-feira voltavam-se a rotina, iam ao “riacho claro” para ver as lavadeiras baterem “roupas”, “trapos”, enquanto as crianças “catavam limo” “topavam sapos”. Para CRUZ, (2010, p. 128) são versos marcados pela despreocupação com a vida e pela tranquilidade vivida pelo o eu lírico, mostram cenas cotidianas, sem nada de ostentação, coisas rotineiras de uma vida comum, mas feliz.

Nos últimos versos do poema, o eu lírico relata que existia uma época boa “o bom tempo das laranjas/ E o doce tempo dos figos...”, mas o eu lírico sabe que é um tempo passado, que não volta mais, foi um tempo muito marcante que fez lembrar do gosto das laranjas, do doce de figo daquela época, na qual que restou apenas a memória, “Longínqua infância.... Três Barras/ Plena de sol e cigarras!”. Esse tipo de memória do eu lírico, conforme os estudos de Henri Bergson, as recordações nos remetem em nossa mente por meio de imagens, que para o autor:

no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe (BERGSON, 1999, p.14).

Dessa forma, uma imagem prevalece a meio as outras, meu corpo atua na seleção das imagens, mediante a percepções (corpo, memória, sensações). Os versos de Helena Kolody representam a tentativa de reencontrar a harmonia e beleza perdidas, em que o eu lírico encontra uma forma de reviver seus sentimentos através da poesia. Como vemos a seguir:

*INFÂNCIA*

Aquelas tardes de Três Barras,

Plenas de sol e de cigarras!

Quando eu ficava horas perdidas  
Olhando a faina das formigas  
Que iam e vinham pelos carreiros,  
No áspero tronco dos pessegueiros.

A chuva-de-ouro  
Era um tesouro,  
Quando floria.  
De áureas abelhas  
Toda zumbia.  
Alfombra flava  
O chão cobria...

O cão travesso, de nome eslavo,  
Era um amigo, quase um escravo.

Merenda agreste:  
Leite crioulo,  
Pão feito em casa,  
Com mel dourado,  
Cheirando a favo.

Ao lusco-fusco, quanta alegria!  
A meninada toda acorria  
Para cantar, no imenso terreiro:  
“Mais bom dia, Vossa Senhoria”...  
“Bom barqueiro! Bom barqueiro...”  
Soava a canção pelo povoado inteiro  
E a própria lua cirandava e ria.

Se a tarde de domingo era tranquila,  
Saía-se a flunar, em pleno sol,  
No campo, recendente a camomila.  
Alegria de correr até cair,  
Rolar na relva como potro novo  
E quase sufocar, de tanto rir!

No riacho claro, às segundas-feiras,  
Batiam roupas as lavadeiras.  
Também a gente lavava trapos  
Nas pedras lisas, nas corredeiras;  
Catava limo, topava sapos  
(Ai, ai, que susto! Virgem Maria!)

Do tempo, só se sabia  
Que no ano sempre existia  
O bom tempo das laranjas  
E o doce tempo dos figos...

Longínqua infância... Três Barras  
Plena de sol e cigarras! (KOLODY, 1997, p. 24-5).

Em *SERRARIA*, outro poema de Helena Kolody, não temos citado uma cidade específica, mas a serraria foi um dos ambientes em que a escritora presenciou durante a sua infância, como diz a própria, KOLODY (1997, p.27) “Três Barras foi uma vila que

creceu em torno de uma grande serraria estrangeira: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company”. Portanto, esse espaço foi de grande importância para a autora. Lumber Company acabou se tornando uma cidade-empresa, pois a instalação da serraria foi acompanhada pela construção de uma série de infraestruturas de suporte necessárias ao seu funcionamento, construiu um hospital, armazém, cassino e cinema, além de casas e outros instrumentos direcionados, sobretudo, aos funcionários.

Os dois primeiros versos são marcados pela figura de linguagem sinestesia, pois o eu lírico mostra que o “longo estilete/o agudo das serras” matam, quebram o “silêncio” do lugar. O sujeito lírico ao mencionar: “O coração da mata estremece/ ao eco desse uivo prolongado”, mostra que devido a uma jornada longa de trabalho dos serralheiros, o barulho da serraria durante o dia, faz com que treme/sente-se medo desse “uivo”, outra vez os sons e barulhos ecoam na mente e são reavivados nos versos.

Com relação à ação humana, ela transforma o meio natural em meio geográfico, ou seja, o homem modifica o meio no decorrer da história. A cidade de Três Barras, por estar rodeada pela serraria; a vegetação sendo devastada, é o que remete a memória da autora. Percebemos na terceira estrofe, o eu lírico remete à madeira como parte do ser humano “branco cadáveres mutilados”, ou seja, temos a presença de uma personificação. Há mostra de um sentimento em relação ao lugar sugerindo que a natureza está sendo “mutilada” e, aos poucos, desmatada. E com isso, temos as transformações ocorridas na cidade em razão de determinações de socioeconômicas.

É por meio da escrita poética da autora, que essa mutilação é a destruição da mata, assim faz com que a mata sente medo, trema, a “mata estremece”. O estudo de Borges Filho (2007), sobre o contato que um personagem tem com o espaço e o modo como o personagem age e observa nesse mesmo lugar, pode ser aplicado à leitura do eu lírico nesse poema: “não é o espaço que influencia a personagem [o eu lírico], mas o contrário: a personagem [o eu lírico] transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características ou não” (BORGES FILHO, 2007, p. 39, grifos meu).

Na quarta estrofe, temos a presença das ferramentas utilizadas na serraria. São “correias” “serras” empregadas no manuseio das matérias primas extraídas das árvores com “macios borbotões” exalando e sentindo “cheiro penetrante da madeira” “em fragrância a alma da selva”, aqui a presença da sinestesia é muito forte, é como se a mata estivesse gritando, pedindo socorro, por estar morrendo, sendo mutilada aos poucos, e a sua “alma” é sentida pelo odor da madeira cortada.

Finalizando, o eu lírico mostra novamente a sua tristeza na última estrofe, relatando que a “mata” possui além da vida, o sentimento reiterado pela personificação da mata, que “distante” o “coração estremece” “ao choque dos pinheiros derrubados”. A obra de Kolody é marcada por uma engenhosa elaboração poética, dando ênfase à liberdade de expressão, marcada com o poema *SERRARIA*.

*SERRARIA*

Longo estilete, o agudo das serra.  
Transpassa o silêncio.

O coração da mata estremece  
Ao eco desse uivo prolongado.

Branco cadáveres mutilados,  
Toras, no pátio, jazem ao sol.

Zumbem correias,  
Zinem as serras,  
Golfa a serragem em macios borbotões  
No Cheiro penetrante da madeira,  
Evolva-se em fragrância a alma da selva.

Distante, o coração da mata estremece  
Ao choque dos pinheiros derrubados (KOLODY, 1997, p. 27).

No poema *SAGA*, de Helena Kolody, o sujeito lírico remete à sua origem e identidade, afirmando na primeira estrofe “No fluir secreto da vida, atravessei os milênios.” Esse primeiro verso relaciona-se com a segunda estrofe que revela a sua origem sendo dos “vikings”. Os “vikings navegantes” foram os que “fundaram Kiev antiga”, para CRUZ (2010, p. 120) os vikings foram um dos primeiros conquistadores das terras que no futuro viriam a ser a Ucrânia.

Kolody é filha de imigrantes Ucrânicos, portanto, o eu lírico remete e revela a Ucrânia com um sentimento amoroso, ali não temos a negação da sua origem, o sujeito lírico não se sente exilado, como o próprio mesmo afirma, “é um povo indomável, não cala / a sua voz sem algemas”, apontando a natureza bravia, destemida e livre deste povo, que também está presente na sua identidade.

A quarta e a quinta estrofes têm relação em sua temática, o eu lírico mostra os “imigrantes” já nas terras imigradas, e os caracteriza como pessoas que vieram apenas com “coragem” e “esperança”, e tiveram uma “luta sofrida” com “rosto cansado/ com o suor do trabalho/ o quieto pranto saudosos”. Assim, percebemos que eles têm saudades

da pátria e da terra deixada, mas enfrentam o trabalho e a luta diária para superar as dificuldades da vida, na busca de uma condição de vida melhor.

Na sexta estrofe, o eu lírico menciona sua terra natal, Cruz Machado, interior do sul do Paraná, mostrando os aspectos do espaço sertanejo “à beira d’água” “sertão”. Mas também, o sujeito lírico relembra da sua infância alegre e nos apresenta com felicidade na sétima e na oitava estrofes “milhares de passarinhos/ me acordavam nas primeiras/madrugadas da existência”. *SAGA* é uma poesia memorialística, pois parte de memórias coletivas para retratar lembranças dos primeiros dias de vida, ou seja, as nossas memórias envolvem um fundo social, coletivo, de todas as nossas lembranças. Com isso, nós herdamos muitas lembranças familiares e quando não recordamos dessas memórias, recorremos aos nossos pais.

O poema *SAGA* é marcado pela formação do eu lírico, que descreve de forma nostálgica cidade natal, logo os versos de infância, como um estado de vida plena, da feliz menina descalça nesses espaços e termina com a cidade de “Curitiba, meu amor!”, capital do estado do Paraná, lugar onde a poeta estudou e lecionou na Escola Normal de Curitiba (Instituto de Educação do Paraná) por 23 anos e onde passou os últimos dias da sua vida.

Assim, percebemos que o poema *SAGA* apresenta uma trajetória temporal/espacial, começando com a sua origem familiar “vim dos vikings navegantes” passando para a sua terra natal “vim do meu berço selvagem” até chegar a “Curitiba”, grande parte de sua existência e também de sua morte.

*SAGA 120*

No fluir secreto da vida,  
atravessei os milênios.

Vim dos vikings navegantes,  
cujas naus aventureiras  
traçaram rotas nos mapas.  
Ousados conquistadores  
fundaram Kiev antiga,  
plantando um marco na história  
de meus ancestrais.

Vim da Ucrânia valorosa,  
que foi Russ e foi Rutênia.  
Povo indomável, não cala  
a sua voz sem algemas.

Vim das levas de imigrantes  
que trouxeram na equipagem  
a coragem e a esperança.

Em sua luta sofrida,  
correu no rosto cansado,  
com o suor do trabalho,  
o quieto pranto saudoso.

Vim de meu berço selvagem,  
lar singelo à beira d'água,  
no sertão paranaense.  
Milhares de passarinhos  
me acordavam nas primeiras  
madrugadas da existência.

Feliz menina descalça,  
vim das cantigas de roda,  
dos jogos de amarelinha,  
do tempo do “era uma vez...”

Por fim ancorei para sempre  
em teu coração planaltino,  
Curitiba, meu amor! (KOLODY, 1997, p. 21-2).

Portanto, refletimos sobre as representações encontradas nos poemas de Helena Kolody e percebemos que o espaço é relembrado com certa saudade/melancolia pela escritora, ao ser relacionado a um tempo vivido na Cidade de Três – SC, marcado na memória e transmitido/transcrito em forma de poesia. Essas representações ganham destaques em seus poemas, o estilo único de composição da autora faz com que retomemos a sua infância a partir de sua perspectiva, pois é possível imaginar os espaços evidenciados pelos sons, gostos, cheiros e cores ali presentes, que não são esquecidas por ela, mesmo depois de tantos anos.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **Helena Kolody: a poesia da inquietação**. Rondon: Edunioeste, 2010.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise** – Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**: Tradução de Paulo Neves, 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELLIOT, T. S. **A Essência da Poesia**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972

HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade *in* **Revista Espaço e Cultura**, nº 3. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

KOLODY, Helena. **Sinfonia da Vida**. Tereza Hatue de Rezende (org.). D.E.L. Editora/Letraviva, 1997.

RAVETTI, Graciela. CURY, Maria Zilda. ÁVILA, Myriam (org). **Topografias da cultura: representação, espaço e memória**. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

## LITERATURE AND URBAN SPACE: POETIC RECORDS BY HELENA KOLODY

### **Abstract**

Repeatedly, the writers leave in their poetic works evidence of a space, often related to the memories of the places where they passed and lived at a certain moment in their life. And, with that, it was no different with writer Helena Kolody, a poet from Paraná, who lived most of her childhood in the city of Três Barras, in Santa Catarina. Therefore, the object of study of this article are the poems of the writer, who composes the book *Sinfonia da Vida* (1997) that portrays about the city of childhood and the analyzes turn to the meanings of the spaces present in her poems. For this, part of the theoretical basis is based on studies on space: Corrêa (2007), Santos (1985) and Ravetti (2009). Also is important for the research are references that deal with the work of the author studied: Cruz (2010), among others that were concerned with the approaches to the understanding and analysis of poems.

### **Keywords**

Literature. Space. Helena Kolody.

---

Recebido em: 02/12/2020

Aprovado em: 30/04/2021